

CAPÍTULO 1

1

Harry Dunning se formou com nota máxima. Fui à pequena cerimônia de formatura no ginásio da LHS a convite dele. Ele realmente não tinha mais ninguém e fiquei contente em ir.

Depois da bênção (feita pelo padre Bandy, que raramente perde uma solenidade na LHS), abri caminho entre os muitos amigos e parentes até onde Harry estava em pé sozinho, com a sua beca preta inflada, segurando o diploma numa das mãos e o capelo alugado na outra. Peguei o chapéu dele para poder lhe apertar a mão. Ele sorriu, expondo um conjunto de dentes com muitas falhas e vários tortos. Mas um sorriso ensolarado e cativante, mesmo assim.

— Obrigado por ter vindo, sr. Epping. Muito obrigado.

— O prazer foi meu. E pode me chamar de Jake. É uma pequena regalia que concedo a alunos que tenham idade suficiente para serem meus pais.

Ele pareceu confuso um instante e depois riu.

— Acho que tenho, né? Caramba! — Ri também. Muita gente ria à nossa volta. E havia lágrimas, é claro. O que é difícil para mim é fácil para muita gente.

— E aquele A+! Caramba! Nunca tirei um A+ em toda a minha vida! Também nunca esperei por isso!

— Você mereceu, Harry. Então, qual é a primeira coisa que vai fazer como diplomado no ensino médio?

O sorriso se turvou um segundo — era uma possibilidade em que não pensara.

— Acho que vou pra casa. Tenho uma casinha alugada na rua Goddard, sabe. — Ele ergueu o diploma, segurando-o com cuidado com a ponta dos dedos, como se a tinta fosse manchar. — Vou botar isso aqui numa moldura e

pendurar na parede. Depois acho que vou servir um copo de vinho, me sentar no sofá e só ficar admirando até a hora de dormir.

— Parece um bom plano — concordei —, mas será que você não gostaria de comer um hambúrguer com fritas comigo antes? A gente podia ir no Al's.

Esperei uma careta, mas é claro que julgava Harry baseado em meus colegas. Sem falar da maioria dos garotos da escola: eles evitavam o Al's a todo custo e preferiam o Dairy Queen em frente à escola ou o Hi-Hat lá na 196, perto de onde ficava o velho Lisbon Drive-In.

— Seria ótimo, sr. Epping. Obrigado!

— Jake, lembra?

— Jake, é claro.

Então levei Harry ao Al's, onde eu era o único freguês do corpo docente, e, embora na verdade houvesse uma garçonete naquele verão, Al nos serviu em pessoa. Como sempre, um cigarro (ilegal em estabelecimentos públicos, mas isso nunca fora problema para Al) fumegava no canto da boca, e o olho daquele lado se franzia com a fumaça. Quando viu a beca dobrada e percebeu qual era a ocasião, insistiu em pagar a conta (e que conta: os lanches do Al eram sempre baratíssimos, o que provocava boatos sobre o destino de alguns animais perdidos na vizinhança). Ele também tirou uma foto nossa, que depois penduraria no Muro das Celebridades da Cidade, como ele dizia. Dentre as outras “celebridades” representadas, estavam o falecido Albert Dunton, fundador da Joalheria Dunton; Earl Higgins, ex-diretor da LHS; John Crafts, fundador da John Crafts Revenda de Automóveis; e, naturalmente, o padre Bandy, da igreja de São Cirilo. (O padre estava ao lado do papa João XXIII — este último não era morador do local, mas Al Templeton, que se dizia “um bom católico”, o reverenciava.) A foto que Al tirou naquele dia mostrava Harry Dunning com um grande sorriso no rosto. Eu estava em pé ao lado dele e ambos segurávamos o diploma. A gravata dele estava meio torta. Lembro-me disso porque me fez pensar naquelas voltinhas que ele punha no final dos y minúsculos. Lembro-me de tudo. Lembro muito bem.

2

Dois anos depois, no último dia do ano letivo, eu estava sentado naquela mesmíssima sala dos professores, lendo um lote de trabalhos finais entregues pela turma de Poesia Americana para alunos destacados. Os garotos já tinham ido embora, liberados para outro verão, e logo eu faria o mesmo. Mas, por enquanto, estava bem contente ali mesmo, gozando o silêncio incomum. Achei até

que podia limpar o armário de petiscos antes de ir embora. *Alguém* tinha de fazer isso, pensei.

Mais cedo, naquele dia, Harry Dunning viera mancando até mim depois do primeiro tempo (que foi especialmente barulhento, como costumam ser os primeiros tempos no último dia de aula) e me estendeu a mão.

— Eu só queria lhe agradecer por tudo — anunciou.

Sorri.

— Acho que você já fez isso, não fez?

— É, mas hoje é o meu último dia. Vou me aposentar. Por isso, queria lhe agradecer de novo.

Enquanto eu lhe apertava a mão, um garoto que passava — um calouro apenas, a julgar pela nova safra de espinhas e uns pelos perdidos e tragicômicos no queixo que aspiravam ao grau de cavanhaque — murmurou:

— Harry Sapo não lava o pé, não lava porque não *quééééé*.

Estendi a mão a ele, na intenção de fazê-lo pedir desculpas, mas Harry me impediu. O seu sorriso era tranquilo e sem ofensa.

— Não precisa, não. Tô acostumado. São só crianças.

— É verdade — disse eu. — E o nosso trabalho é lhes dar educação.

— É mesmo, e você é bom nisso. Mas o meu serviço não é virar o... comê que se diz?, o momento de aprendizado de ninguém. Ainda mais hoje. Tomara que o senhor se cuide bem, sr. Epping. — Ele podia ter idade para ser meu pai, mas parece que *Jake* sempre seria demais para ele.

— Você também, Harry.

— Nunca esquecerei aquele A+. Botei numa moldura. Botei bem do lado do diploma.

— Que bom.

E era. Era tudo bom. A redação dele era arte primitiva, mas tão forte e verdadeira quanto qualquer pintura de arte folclórica. Sem dúvida era melhor do que as coisas que eu estava lendo agora. A ortografia dos textos da turma de alunos destacados estava quase toda correta e a dicção era clara (embora os meus cautelosos alunos do tipo “não se arrisque rumo à faculdade” tivessem a tendência irritante de abusar da voz passiva), mas o conteúdo era pálido. Chato. Eram alunos destacados do terceiro ano — Mac Steadman, chefe do departamento, reservava os do quarto ano para si —, mas escreviam como velhinhas e velhinhas, todos fazendo biquinho e *ooh*, *cuidado*, *Mildred*, *não vá escorregar no gelo*. Apesar dos lapsos gramaticais e da letra dolorosa de se ler, Harry Dunning escrevera como um herói. Pelo menos uma vez.

Enquanto eu ponderava sobre a diferença entre escrita ofensiva e defensiva, o interfone da parede pigarreou.

— O sr. Epping está na sala de professores da ala oeste? Por acaso você ainda está aí, Jake?

Levantei, apertei o botão e disse:

— Ainda estou aqui, Glória. Pagando os meus pecados. Em que posso ajudar?

— É um telefonema, um sujeito chamado Al Templeton. Posso transferir, se quiser. Ou posso dizer que você já foi.

Al Templeton, dono e gerente do Al's Diner, onde todo o corpo docente da Escola Pública de Lisbon, com exceção deste que vos fala, se recusava a frequentar. Até o meu estimado chefe de departamento — que tentava soar como um decano de Cambridge, e se aproximava da aposentadoria — já fora flagrado chamando a especialidade da casa de Famoso Gatobúrguer em vez de Famoso Gordobúrguer do Al.

Ah, claro que não é de gato, diziam, ou eu acho que não, mas não pode ser carne de boi de verdade, não a um dólar e dezenove.

— Jake? Dormiu?

— Não, tô bem acordado. — E curioso para saber por que Al me ligaria na escola. Por que me ligaria em qualquer lugar, aliás. A nossa relação sempre fora estritamente de cozinheiro e freguês. Gostava do rango dele e ele gostava da minha fidelidade. — Tudo bem, pode transferir.

— Por que você ainda está aí, afinal?

— Estou me flagelando.

— Ui! — exclamou Glória, e consegui imaginar seus longos cílios piscando. — Adoro quando você fala sacanagem. Aguenta firme e espera o telefone tocar.

Ela desligou. O ramal tocou e atendi.

— Jake? Você tá aí, parceiro?

A princípio achei que Glória tinha entendido o nome errado. Aquela não podia ser a voz do Al. Nem o pior resfriado do mundo produziria um grasnido daqueles.

— Quem fala?

— Al Templeton, ela não te disse? Cristo, aquela música de espera é uma droga. Cadê aquelas músicas boas de antigamente? — Ele começou a tossir tão forte que tive de afastar um pouco o fone do ouvido.

— Parece que você tá gripado.

Ele riu. Também continuou tossindo. A combinação era bem horripilante.

— Ah, se tô. Pode crer.

— Derrubou você de repente, hein. — Eu estivera lá ontem mesmo, para jantar. Um Gordobúrguer, batata frita e milk-shake de morango. Acredito que

um homem que mora sozinho precisa sempre incluir todos os grupos alimentares principais nas refeições.

— É, foi de repente. Ou pode-se dizer que demorou um tempo. As duas coisas tão certas.

Não soube o que responder a isso. Já conversara muito com Al nos seis ou sete anos em que frequentava a lanchonete, e ele era meio esquisito — insistia em chamar o time de futebol americano New England Patriots pelo nome antigo, Boston Patriots, e falava do falecido Ted Williams, o jogador de beisebol, como se fossem amigos íntimos — mas nunca tivera uma conversa tão esquisita assim.

— Jake, preciso te ver. É importante.

— Posso perguntar...

— Espero que pergunte muito, e vou responder, mas não por telefone.

Não sei quantas respostas ele conseguiria dar antes que a voz sumisse, mas prometi que chegaria dali a uma hora, mais ou menos.

— Obrigado. Que seja menos, se der. Como dizem, o tempo voa. — E ele desligou, bem assim, sem dar nem tchau.

Consegui vencer mais duas redações e restavam apenas mais quatro na pilha, mas não adiantava mais. Eu perdera o pique. Assim, enfiei a pilha na pasta e fui embora. Passou pela minha cabeça subir até a secretaria e desejar um bom verão a Glória, mas não me dei ao trabalho. Ela ficaria lá a semana seguinte inteira, fechando as contas de mais um ano letivo, e na segunda eu viria à escola limpar o armário de petiscos — essa promessa fiz a mim mesmo. Senão os professores que usassem a sala oeste nos cursos de verão a encontrariam cheia de bichos.

Se eu soubesse o que o futuro me reservava, sem dúvida teria subido para falar com Glória. Poderia até ter lhe dado o beijo que vinha flertando no ar entre nós nos últimos meses. Mas é claro que eu não sabia. A vida muda de repente.

3

O Al's Diner estava instalado num trailer prateado do outro lado da rua Principal, à sombra da velha tecelagem Worumbo. Lugares assim costumam ter má aparência, mas Al disfarçara os blocos de concreto que sustentavam o estabelecimento com lindos canteiros de flores. Havia até um belo quadrado de grama, que ele mesmo aparava com um velho cortador de empurrar. O cortador de grama era tão bem tratado quanto as flores e o gramado; nem um pontinho de

ferrugem nas lâminas giratórias pintadas de cores vivas. Poderia ter sido comprado semana passada na loja Western Auto local... quer dizer, se ainda houvesse uma Western Auto em Lisbon Falls. Antigamente havia, mas na virada do século ela foi vítima das grandes cadeias de megalojas.

Segui o caminho marcado e subi os degraus, depois parei, franzindo a testa. A placa que dizia BEM-VINDO AO AL'S DINER, LAR DO GORDOBÚRGUER! sumira. No seu lugar, havia um quadrado de cartolina dizendo FECHADO PERMANENTEMENTE POR MOTIVOS DE SAÚDE. OBRIGADO PELA PREFERÊNCIA NOS ÚLTIMOS ANOS E DEUS OS ABENÇOE.

Eu ainda não tinha entrado na neblina de irrealidade que logo me engoliria, mas os primeiros tentáculos se esgueiravam ao meu redor, e eu os senti. Não fora um resfriado de verão que causara a rouquidão que ouvira na voz de Al e aquela tosse. Nem tinha sido uma gripe. A julgar pelo cartaz, era algo mais grave. Mas que tipo de doença grave apareceria em meras vinte e quatro horas? Menos do que isso, na verdade. Eram duas e meia da tarde. Ontem eu saíra do Al às cinco e quarenta e cinco e ele estava bem. Quase maníaco, na verdade. Eu me lembro de ter lhe perguntado se bebera demais o próprio café, e ele disse que não, que só pensava em tirar férias. Pessoas que estão ficando doentes — doentes a ponto de fechar a empresa que mantiveram sozinhos durante mais de vinte anos — falam em tirar férias? Algumas, talvez, mas provavelmente não muitas.

A porta se abriu enquanto eu ainda estendia a mão para a maçaneta, e lá estava Al me olhando sem sorrir. Devolvi o olhar, sentindo aquela neblina de irrealidade engrossar à minha volta. O dia estava quente, mas a neblina era fria. Naquele momento, eu ainda poderia ter dado meia-volta e saído daquilo, voltado para a luz do sol de junho, e parte de mim queria fazê-lo. Mas fiquei paralisado de espanto e pesar. Horror também, posso bem admitir. Porque doenças graves *realmente* nos horrorizam, não é, e Al estava muito doente. Deu para notar com uma olhada só. *Mortalmente* talvez fosse mais exato.

As bochechas, normalmente coradas e agora frouxas e pálidas, não eram o pior sinal. Nem a remela que recobria os olhos azuis, que agora pareciam desbotados e muito míopes. Nem sequer o cabelo, antes quase todo preto, agora quase todo branco — afinal de contas, ele talvez usasse um daqueles produtos de beleza e, no calor do momento, decidisse lavar tudo e deixá-lo ao natural.

A parte impossível era que, nas 22 horas desde que o vira pela última vez, Al Templeton parecia ter perdido quase 15 quilos. Talvez até vinte, o que seria um quarto do seu peso anterior. Ninguém perde 15 ou 20 quilos em menos de um dia, *ninguém*. Mas era o que eu estava vendo. E foi aí, acho, que aquela neblina de irrealidade me engoliu por inteiro.

Al sorriu, e notei que, além de peso, ele tinha perdido dentes. As gengivas estavam pálidas e nada saudáveis.

— O que você acha do novo eu, Jake? — E ele começou a tossir, um barulho grosso de corrente que vinha do fundo do corpo.

Abri a boca. Nenhuma palavra saiu. A ideia de fugir voltou a alguma parte covarde e enojada da minha cabeça, mas, mesmo que essa parte estivesse no controle, eu não teria conseguido. Estava enraizado ali.

Al conseguiu controlar a tosse e tirou um lenço do bolso de trás. Com ele, limpou primeiro a boca e depois a palma da mão. Antes de guardá-lo outra vez, vi que estava riscado de vermelho.

— Entre — disse. — Tenho muito a contar e acho que você é o único que vai escutar. Vai escutar?

— Al — respondi. A minha voz estava tão baixa e sem força que eu mesmo mal a ouvia. — O que lhe aconteceu?

— *Vai escutar?*

— É claro.

— Você fará perguntas e responderei todas as que eu puder, mas tente fazer poucas. Não me resta muita voz. Merda, não me resta muita *força*. Entre, vamos.

Entrei. A lanchonete estava escura, fria e vazia. O balcão estava polido e sem migalhas; o cromado dos banquinhos brilhava; a máquina de café estava espelhada de tão lustrosa; a placa que dizia SE NÃO GOSTA DA NOSSA CIDADE, PROCURE UMA RODOVIÁRIA estava no lugar de sempre, junto à caixa registradora Sweda. A única coisa que faltava eram os fregueses.

Bom, e o proprietário e cozinheiro, é claro. Al Templeton fora substituído por um fantasma velho e doente. Quando ele girou o trinco para nos trancar lá dentro, o som foi muito alto.

4

— Câncer de pulmão — explicou ele sem rodeios, depois de nos levar a um compartimento na outra ponta da lanchonete. Bateu no bolso da camisa, e vi que estava vazio. O eterno maço de Camel tinha sumido. — Não fiquei lá muito surpreso. Comecei com 11 anos e fumei até o dia em que recebi o diagnóstico. Mais de cinquenta malditos anos. Três maços por dia até que o preço subiu muito em 2007. Aí fiz um sacrifício e reduzi para dois por dia. — Ele deu um riso chiado.

Pensei em lhe dizer que as suas contas tinham que estar erradas, porque eu sabia a idade dele. Certo dia, no último inverno, quando cheguei e lhe perguntei por que pilotava a chapa com um chapéu infantil de festinha de aniversário, ele respondeu *Porque hoje faço 57, amigo. E isso me transforma em antiguidade oficial.* Mas ele me pediu que não fizesse perguntas, a menos que fosse absolutamente necessário, e supus que o pedido incluía não interromper para fazer correções.

— Se eu fosse você, e eu bem gostaria de ser, embora nunca desejaria que você fosse eu, não na minha situação atual, eu pensaria: “Tem alguma coisa errada aqui, ninguém pega câncer avançado de pulmão da noite para o dia.” Está certo?

Fiz que sim. Estava certíssimo.

— A resposta é bastante simples. Não foi da noite para o dia. Comecei a tossir os bofes para fora há uns sete meses, ainda em maio.

Para mim isso era novidade; se ele andou tossindo, não foi enquanto eu estava por perto. Além disso, ele estava fazendo contas erradas de novo.

— Al, fala sério. Estamos em junho. Sete meses atrás era dezembro.

Ele me fez um gesto — os dedos finos, o anel dos Fuzileiros Navais pendurado num dedo onde antes se firmava bem aconchegado — como se dissesse *Deixe pra lá por enquanto, só deixe pra lá.*

— No início achei que era só um resfriado forte. Mas não tinha febre e, em vez de sumir, a tosse piorou. Aí comecei a emagrecer. Bom, não sou burro, colega, e sempre soube que o grande C poderia estar nas minhas cartas... embora o meu pai e a minha mãe fumassem como malditas chaminés e os dois tenham vivido até os oitenta. A gente sempre acha uma desculpa para manter os maus hábitos, não é?

Ele voltou a tossir e puxou o lenço. Quando o ataque se reduziu, continuou:

— Não posso ficar me perdendo do assunto, mas fiz isso a vida toda e é difícil parar. Mais difícil do que parar com o cigarro, na verdade. Da próxima vez que eu começar a divagar, você passe o dedo pela garganta, pode ser?

— Claro — respondi, de forma bastante agradável. Nesse ponto eu já achava que devia estar sonhando. Se fosse isso mesmo, era um sonho extremamente vivo, com até as sombras lançadas pelo ventilador de teto marchando pelos jogos americanos que diziam NOSSO PATRIMÔNIO MAIS VALIOSO É VOCÊ!

— Para encurtar a história, fui ao médico, bati raios-X e lá estavam eles, grandes pra chuchu. Dois tumores. Necrose avançada. Inoperáveis.

Raios-X?, pensei, ainda usam isso para diagnosticar câncer?

— Fiquei um tempo por lá, mas acabei sendo forçado a voltar.

— De onde? Lewiston? Hospital Geral do Maine?

— Das férias. — Os olhos me fitaram fixamente nos buracos escuros nos quais sumiam. — Só que não foram férias.

— Al, nada disso faz sentido nenhum para mim. Ontem você estava aqui e estava *bem*.

— Dê uma boa olhada na minha cara. Comece com o cabelo e vá descendo. Tente ignorar o que o câncer está me fazendo, ele acaba com a gente pra valer, e depois me diga se sou o mesmo homem que você viu ontem.

— Bom, é óbvio que você lavou a tinta...

— Nunca usei. Nem vou me dar ao trabalho de chamar a sua atenção para os dentes que perdi enquanto estava... fora. Sei que já viu. Acha que uma máquina de raios-X fez isso? Ou estrôncio 90 no leite? Eu nem *bebo* leite, a não ser uma gota na última xícara de café do dia.

— Estrôncio *o quê?*

— Não importa. Entre em contato com o seu, sabe como é, o seu lado feminino. Olhe para mim do jeito que as mulheres olham pras outras quando tentam avaliar a idade.

Tentei fazer o que ele dizia e, embora jamais servisse de prova num tribunal, o que observei me convenceu. Havia teias de rugas a se espalhar a partir do canto dos olhos, e as pálpebras tinham as ruguinhas minúsculas e delicadamente franzidas que se vê em quem não precisa mais comprovar a idade para passar na frente da fila na bilheteria do cinema. Sulcos na pele que ontem não existiam agora traçavam ondas senoidais na testa de Al. Dois outros, muito mais fundos, deixavam a boca entre parênteses. O queixo estava mais pontudo e a pele do pescoço tinha afrouxado. O queixo pontudo e a garganta pelancuda poderiam ter sido causados pelo emagrecimento catastrófico de Al, mas aquelas rugas... e se ele não mentia sobre o cabelo...

Al sorria de leve. Era um sorriso amargo, mas não sem verdadeiro humor. O que, de certa forma, o deixava pior.

— Você se lembra do meu aniversário em março passado? Você disse: “Não se preocupe, Al, se esse chapeuzinho ridículo pegar fogo enquanto você está aí na chapa, eu pego o extintor e te apago.” Lembra?

Eu lembrava.

— Você disse que era uma antiguidade oficial.

— Pois é. E agora tenho 62. Sei que o câncer me deixa com cara de mais velho ainda, mas essas... e essas... — ele tocou a testa e o canto de um dos olhos.

— Essas são tatuagens autênticas da idade. Medalhas de honra, de certa forma.

— Al... posso tomar um copo d'água?

— É claro. Chocante, não é? — Ele me olhou com solidariedade. — Você está pensando: “Estou maluco, ele está maluco ou ambos estamos.” Eu sei. Já passei por isso.

Al se forçou a levantar da mesa com esforço, a mão direita debaixo da axila esquerda, como se tentasse dar um jeito de se segurar. Depois, me levou para detrás do balcão. Enquanto isso, identifiquei outro elemento desse encontro irreal: a não ser pelas ocasiões em que dividimos o banco da igreja de São Cirilo (foram raras; embora tivesse sido criado na fé, não sou muito “gatólico”) ou em que nos encontramos por acaso na rua, nunca tinha visto Al sem o avental de cozinheiro.

Ele pegou um copo cintilante e me serviu água de uma cintilante torneira cromada. Agradei e me virei para voltar à mesa, mas ele me deu um tapinha no ombro. Preferia que não tivesse feito isso. Foi como ser cutucado pelo Velho Marinheiro do poema de Coleridge, “que detém um de três”.

— Quero que veja algo antes de voltarmos a nos sentar. Vai ser mais rápido assim. Só que *ver* não é a palavra certa. Acho que *viver* chega bem mais perto. Beba lá, amigo.

Tomei metade da água. Estava fresca e boa, mas nunca tirei os olhos dele. Aquela parte covarde minha esperava ser atacada, como a primeira vítima desavisada de um daqueles filmes de psicopatas que sempre parecem ter números no título. Mas Al só ficou ali parado, com uma das mãos apoiada no balcão. A mão era enrugada, os nós dos dedos grandes. Não parecia a mão de um homem de 50 e tantos, mesmo com câncer, e...

— A radiação fez isso? — perguntei de repente.

— Isso o quê?

— Você está *bronzado*. Sem falar desses sinais escuros nas costas da mão. Ou é radiação, ou sol demais.

— Bom, como não fiz nenhum tratamento de radioterapia, só resta o sol. Tenho tomado muito sol nos últimos quatro anos.

Até onde eu sabia, Al passara a maior parte dos últimos quatro anos virando hambúrgueres e fazendo milk-shakes debaixo de lâmpadas fluorescentes, mas não disse nada. Só tomei o resto da água. Quando pousei o copo no balcão de fórmica, notei que a minha mão tremia de leve.

— Pronto, o que quer que eu veja? Ou viva?

— Venha cá.

Ele me levou pela área comprida e estreita da cozinha, passando pela chapa dupla, pelas fritadeiras, a pia, a geladeira FrostKing e o freezer que batia

na cintura e zumbia. Parou diante da lava-louças calada e apontou a porta do outro lado da cozinha. Era baixa; Al teria de curvar a cabeça para passar e não chegava a um metro e setenta. Tenho um e noventa; alguns garotos me chamavam de Eppingcóptero.

— É ali — anunciou. — Por aquela porta.

— Não é a sua despensa? — Pergunta estritamente retórica; com o passar dos anos, eu o vira trazer latas, sacos de batata e sacolas de mantimentos secos suficientes para saber muito bem que era.

Al parecia não ter ouvido.

— Sabia que eu inaugurei esta birosca em Auburn?

— Não.

Al fez que sim e bastou isso para provocar outro ataque de tosse. Ele o sufocou com o lenço cada vez mais repulsivo. Quando o último ataque finalmente se reduziu, ele jogou o lenço numa lata de lixo e pegou um maço de guardanapos de papel do porta-guardanapo do balcão.

— É um Aluminaire, feito nos anos trinta, mais art déco, impossível. Quis um desde que o meu pai me levou no Chat 'N Chew, em Bloomington, quando criança. Comprei totalmente equipado e inaugurei na rua Pine. Fiquei naquele lugar quase um ano e vi que, se continuasse, faliria dali a outro ano. Havia lanchonetes demais na vizinhança, algumas boas, outras nem tanto, todas com fregueses fiéis. Eu era como o garoto recém-saído da faculdade de Direito que pendura a sua plaquinha numa cidade que já tem uma dúzia de rábulas bem-estabelecidos. Além disso, naquela época o Famoso Gordobúrguer do Al era vendido por dois e cinquenta. Mesmo em 1990, dois e cinquenta era o mínimo que eu conseguia cobrar.

— Então como consegue vendê-lo hoje por menos da metade? A menos que seja *mesmo* gato.

Al fungou, e o ruído provocou um eco encatarrado de si mesmo no fundo do peito.

— Amigo, isso que eu vendo é cem por cento pura carne bovina americana, a melhor do mundo. Você acha que eu não sei o que dizem por aí? É claro que sei. Mas não ligo. O que que se pode fazer? Proibir que falem? É o mesmo que proibir o vento de soprar.

Passei o dedo pela garganta. Al sorriu.

— É, saí dos trilhos de novo, eu sei, mas pelo menos isso faz parte da história. Eu poderia continuar batendo a cabeça contra a parede na rua Pine, mas Yvonne Templeton não criou nenhum idiota. “Melhor fugir para voltar a lutar outro dia”, ela sempre dizia. Peguei o que restava do meu capital, convenci o banco a me emprestar mais cinco mil, não me pergunte como, e me mudei

aqui pra Falls. Os negócios não têm sido muito bons, por causa dessa crise econômica e dessa boataria idiota sobre Gatobúrguer, Cachorrobúrguer e Gambabúrguer ou sei lá o que imaginam por aí, mas acontece que não tô mais preso à economia que nem outros. E tudo por causa do que tá atrás daquela porta da despensa. Não tava lá quando me instalei em Auburn, isso eu posso jurar sobre uma pilha de Bíblias de três metros de altura. Só apareceu aqui em Falls.

— Do que você está falando?

Ele me encarou com firmeza, com aqueles olhos aquosos e recém-envelhecidos.

— Por enquanto a falação acabou. Você precisa descobrir por si mesmo. Vamos, abra.

Eu o olhei com dúvida.

— Pense nisso como o último pedido de um moribundo — insistiu ele.

— Vamos, amigo. Se é que você é mesmo meu amigo, né? Abre a porta.

5

Eu mentiria se dissesse que o meu coração não engatou uma marcha mais acelerada quando girei a maçaneta e puxei. Não fazia ideia do que poderia enfrentar (embora acho que me lembro de ter pensado rapidamente numa imagem de gatos mortos, esfolados e prontos para o moedor de carne), mas quando Al enfiou a mão ao lado do meu ombro e acendeu a luz, o que vi foi...

Bom, uma despensa.

Era pequena e tão arrumada quanto o resto da lanchonete. Havia prateleiras carregadas com grandes latas tamanho restaurante em ambas as paredes. Na outra ponta do cômodo, onde o teto se curvava para baixo, havia material de limpeza, embora a vassoura e o esfregão tivessem de ficar deitados porque aquela parte do cubículo tinha no máximo um metro de altura. O chão era do mesmo linóleo cinza escuro da lanchonete, mas em vez do leve aroma de carne cozida, ali havia cheiro de café, legumes e temperos. Havia outro cheiro, também, fraco e não muito agradável.

— Certo — comentei. — É a despensa. Arrumada e bem cheia. Você ganhou um A em gerência de suprimentos, se é que isso existe.

— Que cheiros você tá sentindo?

— Temperos, principalmente. Café. Talvez aromatizador de ambientes também, não sei.

— Isso, uso Glade. Por causa do outro cheiro. Está me dizendo que não sente mais cheiro nenhum?

— É, tem mais alguma coisa. Meio sulfuroso. Lembra fósforo queimado. — Também me fazia pensar no gás venenoso que eu e a minha família soltávamos depois do feijão que a minha mãe fazia no jantar de sábado, mas não quis comentar isso. Será que tratamento de câncer faz a gente peidar?

— É enxofre. Outras coisas também, nada de Chanel nº 5. É o cheiro da fábrica, amigo.

Mais outra maluquice, porém tudo o que eu disse (num tom de cortesia absurda) foi:

— É mesmo?

Ele sorriu de novo, expondo aqueles buracos onde ontem havia dentes.

— O que você foi educado demais para dizer é que a Worumbo fechou quando Moisés era criança. Que na verdade queimou quase toda no final da década de oitenta, e que agora, lá fora, — ele apontou o polegar para trás por sobre o ombro —, só tem uma loja de fábrica. Uma parada básica de turistas no País das Férias, como a Kennebec Fruit Company durante o festival do refrigerante Moxie. Você também está achando que está na hora de pegar o celular e ligar para os homens de jaleco branco. É mais ou menos isso, amigo?

— Não vou chamar ninguém, porque você não está maluco. — Eu estava longe de ter certeza disso. — Mas aqui só tem uma despensa, e é verdade que a Tecelagem Worumbo não produziu nenhuma peça de pano nos últimos 25 anos.

— Você não vai chamar ninguém, nisso você está certo, porque quero que você me entregue o celular, a carteira e todo o dinheiro que tiver no bolso, inclusive as moedas. Não é um assalto, vou lhe devolver tudo. Pode ser?

— Quanto tempo vai levar, Al? Porque tenho umas redações para corrigir antes de fechar o ano.

— Vai levar o tempo que você quiser — respondeu Al —, porque só leva dois minutos. *Sempre* leva dois minutos. Você pode levar o tempo que for, e olhar tudo em volta, se quiser, mas eu não faria isso, não da primeira vez, porque é um choque para o sistema. Você vai ver. Confia em mim? — Algo que viu no meu rosto fez os seus lábios se apertarem sobre aquele conjunto reduzido de dentes. — Por favor. *Por favor*, Jake. Pedido de um moribundo.

Eu tinha certeza de que Al estava maluco, mas tinha igual certeza de que dizia a verdade sobre o seu estado. Os olhos pareciam ter recuado mais fundo nas órbitas no pouco tempo em que estávamos conversando. Ele também estava exausto. Bastaram as duas dúzias de passos da mesa numa ponta da lanchonete até a despensa na outra ponta para que Al cambaleasse. E o lenço ensanguentado, disse a mim mesmo. Não se esqueça do lenço ensanguentado.

Além disso... às vezes é simplesmente mais fácil ir em frente, não acha? “Vá em frente e entregue a Deus”, gostam de dizer nas reuniões que a minha

ex-mulher frequente, mas decidi que esse seria um caso de vá em frente e entregue a Al. Até certo ponto, pelo menos. E, ora, disse eu com os meus botões, a gente tem de passar por mais complicação hoje em dia só para embarcar num avião. Ele nem está me pedindo para pôr os sapatos numa esteira.

Soltei o celular do cinto e o pus em cima de uma caixa de atum enlatado. Juntei a carteira, um pequeno maço de notas, um dólar e meio mais ou menos em moedas e o chaveiro.

— Fique com as chaves, elas não importam.

Bom, para mim importavam, mas fiquei de boca fechada.

Al enfiou a mão no bolso e tirou um maço de notas bem mais grosso do que aquele que eu depositara em cima da caixa de papelão. Estendeu o maço para mim.

— Dinheiro de maluco. Caso queira comprar uma lembrança ou coisa assim. Vamos, pega.

— Por que eu não usaria o meu dinheiro para isso? — Parecia bastante sensato, pensei. Como se essa conversa maluca tivesse algum sentido.

— Não se importe com isso agora — respondeu Al. — A experiência vai responder quase todas as suas perguntas melhor do que eu, mesmo que eu tivesse me sentindo nos trinques. E agora estou absolutamente sem trinque nenhum. Pega o dinheiro.

Peguei o dinheiro e o folheei. Havia notas de um no alto, e pareciam normais. Aí cheguei a uma nota de cinco, e ela parecia normal e anormal. Dizia **SILVER CERTIFICATE** acima da efígie de Abraham Lincoln, e à esquerda dele havia um grande 5 azul. Ergui-a contra a luz.

— Não é falsificada, se é o que está pensando. — Al parecia cansado, mas divertido.

Talvez não — no tato era tão real quanto parecia —, mas não havia imagem visível contra a luz.

— Se for verdadeira, é velha — disse eu.

— Ponha o dinheiro no bolso, Jake.

Pus.

— Tem calculadora de bolso? Algum outro aparelho eletrônico?

— Nada.

— Acho então que agora pode ir. Vire-se para ficar de frente para os fundos da despensa. — Antes que eu fizesse isso, ele deu um tapa na testa e disse: — Meu Deus, cadê os meus miolos? Esqueci o Homem do Cartão Amarelo.

— Quem? O quê?

— O Homem do Cartão Amarelo. É assim que eu chamo ele, não sei o nome verdadeiro do cara. Tome, pega isso. — Ele remexeu o bolso e me entregou uma moeda de cinquenta centavos. Não via uma dessas há anos. Talvez desde criança.

Senti seu peso na minha mão.

— Acho que você não vai querer me dar isso. Provavelmente vale alguma coisa.

— É claro que vale alguma coisa, vale meio dólar.

Ele começou a tossir, e dessa vez a tosse o sacudiu como um vento forte, mas acenou para que eu me afastasse quando fiz menção de ir na direção dele. Ele se apoiou na pilha de caixas de papelão com as minhas coisas em cima, cuspiu no maço de guardanapos, olhou, fez uma careta e fechou o punho em torno deles. Agora o rosto emaciado estava coberto de suor.

— Tô com umas ondas de calor ou coisa parecida. O maldito câncer está mexendo com o termostato junto com o resto das minhas tripas. Bem, o Homem do Cartão Amarelo. Ele é bebum, é inofensivo, mas não é como os outros. É como se ele *soubesse* alguma coisa. Acho que é só coincidência, porque ele tá empoleirado perto de onde você vai sair, mas quero lhe explicar sobre ele.

— Bom, então não está fazendo um bom serviço — disse eu. — Não faço a mínima ideia de que merda você está falando.

— Ele vai te dizer: “Tenho um cartão amarelo da fachada verde, então me dá um dólar porque hoje é dia de grana dupla.” Entendeu?

— Entendi. — O buraco ficava cada vez mais fundo.

— E ele *tem mesmo* um cartão amarelo enfiado na aba do chapéu. Talvez seja apenas um cartão de empresa de táxi, ou talvez um cupom de mercado que achou na sarjeta, mas os miolos do cara estão cheios de vinho barato, e parece que ele acha que o cartão é o Bilhete Dourado da Fábrica de Chocolate do Willy Wonka. Então *você* diz: “Um dólar não posso gastar, mas toma cinquentinha” e lhe entrega a moeda. Aí talvez ele diga... — Al ergueu um dos seus dedos agora esqueléticos. — Ele *pode* perguntar algo como “Por que você está aqui?” ou “De onde você veio?”. Pode até dizer algo como “Você não é o mesmo sujeito.” Acho que não, mas é possível. Tem muita coisa que eu não sei. Não importa o que ele diga, deixe ele lá no barracão de secagem, onde ele fica, e saia pelo portão. Quando você sair, é provável que ele diga: “Eu *sei* que você pode gastar um dólar, seu babaca pão-duro”, mas não dê atenção. Não olhe para trás. Atravesse os trilhos e estará no cruzamento da Principal com a Lisbon. — Ele me deu um sorriso irônico. — Depois disso, amigo, o mundo é seu.

— Barracão de secagem? — Pensei ter lembrado vagamente de *alguma coisa* perto do lugar onde ficava a lanchonete agora, e supus que podia ser o barracão de secagem da velha tecelagem Worumbo, o que quer que tenha sido, não existia mais. Se tivesse uma janela nos fundos da despensinha aconchegante da Aluminaire, ela daria apenas para um pátio de tijolos e uma loja de roupa de inverno chamada Your Maine Snuggery. Ali eu já me dera de presente uma parca North Face pouco depois do Natal, por um precinho camarada.

— Deixa o barracão de secagem pra lá, é só não esquecer o que eu lhe disse. Agora se vire outra vez; isso; e avance dois ou três passos. Passinhos. Passinhos de bebê. Finja que está tentando achar o alto de uma escada com a luz apagada... com cuidado assim.

Fiz o que ele disse, me sentindo o maior pateta do mundo. Um passo... baixando a cabeça para não bater no teto de alumínio... dois passos... agora realmente me agachando um pouco. Mais alguns passos e eu teria de ficar de joelhos. Isso eu não faria, com ou sem pedido de moribundo.

— Al, isso é ridículo. A não ser que você queira que eu pegue uma caixa de coquetel de frutas ou algum desses pacotinhos de gelatina, não há nada que eu possa fazer aq...

Foi então que o meu pé caiu, do jeito que o pé cai quando a gente começa a descer uma escada. Só que o meu pé ainda estava firme no chão de linóleo cinza escuro. Dava para ver.

— Lá vai você — disse Al. O cascalho sumira da sua voz, pelo menos temporariamente; as palavras eram suaves de satisfação. — Você achou, amigo.

Mas o que eu tinha achado? O que eu estava vivendo, exatamente? O poder da sugestão parecia ser a resposta mais provável, já que, sentisse o que sentisse, conseguia ver o meu pé no chão. Só que...

Sabe como, num dia claro, a gente consegue fechar os olhos e ver a imagem daquilo que olhava antes? Era assim. Quando olhei o meu pé, vi que estava no chão. Mas quando *pisquei* — um milissegundo antes ou um milissegundo depois que os meus olhos se fecharam, não sei qual — avistei o meu pé num degrau. E também não era à luz fraca de uma lâmpada de 60 watts. Era no sol forte.

Parei.

— Continue — disse Al. — Nada vai lhe acontecer, amigo. É só continuar. — Ele tossiu com força e depois disse, num tipo de grunhido desesperado: — *Preciso que faça isso.*

Então fiz.

Que Deus me ajude, eu fiz.